

## CONSIDERAÇÕES ACERCA DO FUTEBOL DE ESPETÁCULO

Fábio Padilha Alves

### RESUMO

O futebol enquanto espetáculo é capaz de provocar uma efervescência de sentimentos, muitas vezes antagônicos, nos atores que estão envolvidos com ele. Neste contexto, o clubismo tem papel fundamental, uma vez que é o responsável pela dinâmica das emoções, no qual torcer por um clube requer um engajamento emocional exclusivo. Porém, este laço afetivo permanente cobrado do torcedor não se estende, obrigatoriamente, aos atletas, sobretudo no atual estágio do futebol, marcado pela mercadorização dos jogadores. Assim, esse trabalho busca tecer algumas considerações a respeito da tensão sofrida pelos atletas em administrar seus próprios interesses profissionais e a paixão torcedora.

Palavras-chaves: Futebol. Jogador. Torcedor. Clubismo.

### ABSTRACT

The football while spectacle is able to provoke effervescence feelings, many times antagonics, on the actors that is involved with it. In this context, the belonging to a club have main function, once that are responsible for emotions dynamics, wherein to support a club requires a exclusive engagement emotional. However, this permanent connection affective charged by supporter is not necessary extended for the players, above all into the actual football stage, marked by commodification of players. Therefore, this work looks for make some considerations about tension suffer by players to administer yours professionals self-concerns and supporter love.

Key words: Football. Football Player. Supporter. Belonging to a Club.

### RESUMEN

El fútbol como espectáculo es capaz de provocar una explosión de sentimientos, muchas veces contradictorios, con los actores que estan envueltos. Em este contexto, el sentimiento de pertenencia por um club tiene papel fundamental, uma vez que es responsable por la dinamica de las emociones, asi hincha requiere una dedicacion emocional exclusiva. Por lo tanto, este lazo afectivo permanente realizado por el hincha no se extiende, obligatoriamente, a los atletas. Asi, este trabajo busca encontrar algunas consideraciones al respecto de la tension sufrida por los atletas en administrar sus propios intereses profesionales y emocion de los seguidores.

Palabras clave: Fútbol. Jugador de Fútbol. Hincha. Perteneciente.

O futebol enquanto espetáculo esportivo desperta uma gama variada de sentimentos – amor, paixão, ódio etc. – nos atores que direta ou indiretamente estão envolvidos com ele, sobretudo torcedores que acompanham com afinco o seu time do

coração. No entanto, Toledo (2002) destaca que no futebol moderno<sup>1</sup> a racionalização da prática está cada vez mais presente, notada, por exemplo, na rotina de treinamento dos atletas cada vez mais sistematizada e nos diversos cursos de capacitação oferecidos a pessoas que buscam uma carreira extra campo, como a de treinador ou administrador esportivo.

Estes cursos, cada vez mais reconhecidos e legitimados no campo esportivo, explicitam de maneira muito clara a dinâmica da divisão social e simbólica ante as novas demandas e solicitações que vêm alterando toda a mitologia primordial em torno da ideia de futebol como elemento *inato* de identidade nacional (TOLEDO, 2002, p. 20-21).

Ainda assim, permanece mesmo entre os profissionais o discurso sobre o dom/talento. Acredita-se que os bons jogadores são aqueles que portam características especiais e se diferenciam dos demais no trato com a bola e no uso do próprio corpo, e que tais qualidades são inatas e tidas como dádiva.

Desse modo, o futebol “[...] combina imagens e atitudes aparentemente antagônicas que nos remete a ideia ora de lucro, ora de paixão, ora de profano, ora de sagrado [...]” (HELAL, 2001, p.153), fazendo parte desse contexto a emoção dos torcedores de um lado, e a racionalização crescente das ações dos *profissionais*<sup>2</sup> do outro.

Assim, esse trabalho busca tecer algumas considerações a respeito da tensão sofrida pelos atletas em administrar seus próprios interesses profissionais e a paixão torcedora, destacando, sobretudo, a dinâmica do futebol enquanto espetáculo esportivo.

Ocorreram ao longo do tempo, sobretudo a partir dos anos 1980, transformações significativas referentes à legislação desportiva brasileira que mexeram com as relações que envolvem atletas profissionais e clubes, principalmente aquelas decorrentes da Lei 9615/98, a chamada Lei Pelé. A ação mais polêmica trazida por essa lei determinou a extinção gradual do passe. O termo ‘passe’, bastante utilizado no meio futebolístico, refere-se aos direitos federativos que qualquer pessoa física ou jurídica possua sobre um jogador de futebol. “[...] nada mais é do que um contrato de vinculação exclusiva de um atleta profissional a um clube. Porém, esta vinculação, no caso do futebol, atrelava o jogador ao clube mesmo após o término do seu contrato, impedindo-o de trabalhar em

---

<sup>1</sup> “Por ‘modernidade’ no futebol atual, valendo-se da conceituação nativa, compreende-se um amplo processo constituído a partir dos parâmetros administrativos gerenciais implementados em princípio nos clubes, e fundamentados sob critérios orientados por uma racionalidade privada, tal como sugerida na Lei Pelé [...]” (TOLEDO, 2002, p. 108), o que está de acordo com a conceituação dada por Brunoro e Afif, citado pelo mesmo autor supra na qual “[...]. Modernidade significa estar a par de tudo aquilo que passa por um processo de transformação: teorias administrativas, avanços tecnológicos – na informática e na medicina esportiva –, tendências do mercado de jogadores no Brasil e no exterior etc. Por isso, um administrador competente não pode parar no tempo. Deve ficar ‘antenado’ com o mundo. É inadmissível que um indivíduo, só porque atua no futebol, leia apenas o caderno de esporte dos jornais” (p. 108 – 109).

<sup>2</sup> O termo “*profissionais*” representa “[...] todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo, como a própria *performance* dos jogadores, técnicos ou juízes na busca imediata dos resultados, quer na preparação dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos etc., ou no suporte administrativo dos dirigentes, cada vez mais associados aos patrocinadores na gestão direta do futebol, à frente das instituições tais como federações, ligas ou confederações, que viabilizam a competição como espetáculo” (TOLEDO, 2002, p. 16).

outra entidade esportiva” (HELAL, 1997, p. 112). A Lei Pelé garante ao clube formador o direito de assinar o primeiro contrato profissional do atleta. Ao seu término, este fica livre para negociar um novo contrato com qualquer clube, passando a ser um trabalhador com direito ao controle de sua força de trabalho.

Tais mudanças na legislação fizeram com que aumentassem enormemente as transações envolvendo jogadores brasileiros, sobretudo para o exterior, o que contribuiu para o surgimento de outra característica marcante no futebol profissional, que no Brasil se intensificou principalmente a partir da década de 1990: a grande rotatividade de jogadores. Tornou-se comum os atletas profissionais atuarem em diversos clubes durante a carreira, ao contrário do que ocorria há tempos atrás em que um número maior de atletas iniciava e terminava sua trajetória como jogador no mesmo clube. Além disso, a presença da figura do empresário ou agente passou a ser constante no cenário futebolístico, sendo eles responsáveis pelo agenciamento de jogadores e pela negociação de contratos entre o clube e o atleta.

A mudança de clube muitas vezes é motivada pelo desejo do atleta de jogar em outro de maior visibilidade e/ou que lhe ofereça um maior salário. No entanto, a troca constante de clube não é vista com bons olhos pelos torcedores que costumam agir seguindo a lógica da paixão, uma vez que esperam do jogador demonstrações de sentimentos de identificação com o clube pelo qual atua.

Apesar da grande rotatividade de jogadores no Brasil ter se intensificado nas últimas duas décadas, a comercialização de atletas não é algo recente. Já no início da década de 1930, tempo em que o futebol no Brasil caracterizava-se por ser uma prática amadora, alguns jogadores brasileiros começaram a migrar para países Europeus, onde o profissionalismo já havia sido implantado. Bastava uma oferta de contrato vantajosa para que jogadores oriundos de famílias pobres fossem para o exterior (PRONI, 2000). Além da questão salarial, Franzini (2003) destaca que esses atletas iam à busca de reconhecimento profissional. Entre 1930 e 1932, seguiram para a Itália diversos jogadores como Rato, Filó, Pepe e Serafim. Fausto e Jaguaré, do Vasco da Gama, ficaram no Barcelona da Espanha em 1931, quando excursionavam com a equipe carioca pela Europa.

No entanto, Damo (2007), ao tratar da mercadorização de futebolistas, diz que o ano de 1933 é tomado como marco inicial, pois o acordo celebrado entre as ligas carioca e paulista, incluindo-se o ressarcimento pela transferência de atletas serviu como referência nacional. Segundo o autor,

[...]. O aumento gradativo de dinheiro aportado aos clubes a partir do futebol permitiu-lhes constituir uma base patrimonial e investir na produção ou recrutamento de atletas. Fez-se da contraprestação monetária um dispositivo concorrencial, seduzindo os que até então dispunham seu talento com base em critérios não econômicos, tais como vínculos afetivos, de local de moradia (bairro, vila operária, etc.), de trabalho (clube de fábrica) e assim por diante. É nesse cenário que o *métier* de futebolista se autonomiza, dando origem à circulação de atletas [...] (DAMO, 2007, p. 75-76).

O início da remuneração e a necessidade de melhor preparação dos atletas contribuíram para adoção do profissionalismo no meio futebolístico. Desta forma, faz-se

necessário abordarmos as transformações provenientes da adoção desse novo modelo, mostrando as diferenças existentes entre ele e o amadorismo.

### *Esporte Amador X Esporte Profissional*

A transformação dos antigos jogos populares em esportes modernos confere um papel fundamental à Grã-Bretanha da segunda metade do século XIX. Dunning (1992) ao analisar a dinâmica do esporte moderno destaca a tendência de uma crescente competitividade, seriedade no modo de envolvimento e orientação para os resultados como critérios fundamentais para o seu desenvolvimento, que culminaram na “[...] inevitável erosão das atitudes, valores, e estruturas ‘amadoras’ e a sua correlativa substituição por atitudes, valores e estruturas que são ‘profissionais’ em qualquer sentido do termo. [...] (DUNNING, 1992, p. 299)”.

Aos poucos os esportes foram se disseminando e, ao mesmo tempo em que isso ocorria alguns conflitos surgiam, sendo o mais emblemáticos, segundo Damo (2002), o conflito entre amadores e profissionais, antagonismo mais visualizado no desenvolvimento do futebol e do *rugby*.

Uma importante diferenciação entre esses dois modelos refere-se à seriedade presente no esporte profissional e o caráter de divertimento que orienta o amadorismo. O *ethos* amador está diretamente envolvido com o prazer que a prática do esporte proporciona presente no “jogo pelo jogo”. Já no esporte profissional o componente lúdico do jogo é

[...] seriamente ameaçado quando os jogadores se tornam *dependentes* dos espectadores – ou de ações externas, tais como interesses comerciais de grupos ou do Estado -, de recompensas financeiras e de outros. Nestas condições, quer se trate de um esporte abertamente profissional ou dito amador, as pressões no sentido de que os interesses dos espectadores assumam um papel importante, transformando o ‘jogo’ em ‘espetáculo’, parecem ser inevitáveis (DUNNING, 1992, p. 310).

No entanto, torna-se importante salientar que o aumento da seriedade no esporte e a sua conseqüente diminuição como prática de divertimento já era percebido nas grandes escolas reservadas à própria elite, as *Public Schools*, onde alguns jogos populares tomaram outros significados e funções (BOURDIEU, 1983; DUNNING, 1992). Outro ponto a ser destacado, é o fato de que o amadorismo se cristalizou como ideologia elaborada e articulada para conter a participação popular advinda da profissionalização de esportes como o futebol e o *rugby*. Havia o desejo de manter a distinção social, limitando a prática desses esportes a membros da elite.

Porém, existem outros fatores que melhor caracterizam o esporte profissional e o diferencia do amadorismo. Um ponto de distinção importante é o ressarcimento a quem destina seu tempo à prática. No profissionalismo o atleta recebe uma recompensa financeira para se dedicar ao esporte, enquanto que no amadorismo este ato é considerado ilegal.

Ao falarmos das transformações decorrentes do profissionalismo, inevitavelmente devemos nos voltar ao futebol, visto que a partir dele podemos compreender as mudanças mais emblemáticas referentes à adoção do regime

profissional. Damo (2002) nos diz que um dos motivos que levaram o futebol a ser disseminado muito rapidamente, especialmente nas regiões do Norte da Inglaterra, foi o seu pioneirismo em se aderir ao profissionalismo. Contudo, o seu desdobramento mais importante foi a grande adesão da classe trabalhadora.

[...]. Incorporadas pelo profissionalismo, elas contribuíram para elevar o nível técnico das competições, dispondo seus melhores quadros para os clubes administrados pela elite e, principalmente, criando um público extenso, diversificado e absorto nos campeonatos que passaram a ser disputados regularmente. [...]. Depois de servirem como passatempo desinteressado das elites, os esportes – nem todos, é verdade – readquiriram parte da conotação pública e coletiva dos antigos jogos populares. Integrados num sistema ordenado de disputas, [...] os esportes seduziram uma legião de participantes e seguidores que acorreram ao meio urbano a partir da industrialização (DAMO, 2002, p. 26).

Um número cada vez maior de aficionados, ao mesmo tempo coesos e rivais entre si, passou a se identificar com clubes adeptos do profissionalismo. Neste momento, o esporte se popularizava, tornando-se mais acessível como prática e como espetáculo de consumo.

O esporte visto como espetáculo se caracteriza por ser “[...] produzido por profissionais e destinado ao consumo de massa. [...]” (BOURDIEU, 1983, p. 145). Gastaldo (2006) destaca o fato de que o surgimento e o crescimento da comunicação de massa fizeram com que o esporte se tornasse um espetáculo para ser assistido, criando um distanciamento entre prática e consumo, uma vez que não é necessário praticar um esporte para assisti-lo pela televisão e ser envolvido emocionalmente por ele. No entanto, em qualquer espetáculo moderno, inclusive o futebol, testemunhas (públicos) são necessárias para legitimar seus eventos e,

[...]. Mais do que meros espectadores passivos, essas testemunhas são parte integrante da “cerimônia espetacular”. Assim, mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artistas e audiência, ao mesmo tempo em que fazem parte de dimensões socioexistenciais diferenciadas, coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra (HELAL, 2001, p. 151).

Sendo assim, segundo Helal (2001), devemos considerar a sociedade moderna como sendo “mediatizada”, não tratando mídia e sociedade como departamentos autônomos e independentes entre si.

O surgimento do esporte como espetáculo tem ampla ligação como a dinâmica do esporte moderno, como menciona Dunning (1992, p. 317), propiciado pela configuração social global da Grã-Bretanha no século XVIII, tempo de uma sociedade pré-industrial, em que a orientação para o sucesso e para o resultado “[...] tendo em vista formas de participação ‘dirigidas para os outros’, quer no desporto quer noutros sectores [...]”, era desejável.

[...] os desportistas de alto nível, homens e mulheres, não podem ser independentes e jogar por divertimento, sendo obrigados a dirigirem-se para os outros e a participar nos desportos com seriedade. Isto é, não podem jogar para si próprios, sendo forçados a representar unidades sociais mais vastas, como cidades, distritos e países. [...] espera-se que realizem uma “actuação-desportiva”, isto é, o tipo de satisfações que os dirigentes e os “consumidores” do desporto exigem, nomeadamente o espetáculo de um confronto excitante que as pessoas se dispõem a pagar para assistir ou a validação, através da vitória, da “imagem” e da “reputação” da unidade social com a qual se identificam esses dirigentes e “consumidores”. [...] (DUNNING, 1992, p. 321).

Enquanto no esporte amador a característica fundamental está no prazer proveniente da prática com um fim em si mesmo, ainda segundo Dunning (1992), no esporte de espetáculo (obrigatoriamente profissional) a satisfação não está ligada ao divertimento em si, mas sim, nas satisfações relacionadas principalmente com a identidade e o prestígio, caracterizando, de acordo com Bourdieu (1996) um capital simbólico.

O futebol profissional, atualmente chamado de futebol moderno ou futebol de espetáculo, está envolvido numa atmosfera muito mais “séria” quando comparado à sua prática profissional no final do século XIX na Inglaterra. O futebol enquanto espetáculo moderno está imerso numa rede de relações que envolvem interesses diversos, sejam eles econômicos e políticos de investidores e das mídias ou de torcedores que, em grande parte, agem orientados pela emoção.

Tratando-se de Brasil, são notórias as modificações ocorridas em seus principais clubes a fim de se adaptarem ao atual estágio do futebol profissional, sobretudo a partir dos anos 1990. Tais modificações são visíveis tanto em termos gerenciais quanto nas formas de preparação dos atletas e formação das equipes.

Novos dirigentes surgiram e continuam surgindo com formação específica de gestores esportivos a fim de administrar instituições que buscam não apenas o sucesso nas competições, mas também lucratividade. “[...] os novos dirigentes devem dominar a gramática empresarial, os fundamentos da administração, os processos racionais e otimizados de gerenciamento e *marketing* esportivo” (TOLEDO, 2002, p. 24).

Os novos ídolos passam a ser fabricados e monitorados nas categorias de base dos clubes, não sendo mais descobertos “prontos” na várzea, como acontecia no Brasil até meados da década de 1970. O alcance dos resultados desejados em níveis de excelência passa a requerer uma rotina sistemática de treinamento e dedicação por parte dos atletas, que contam com a atuação de outros profissionais como psicólogos e fisioterapeutas, por exemplo, e melhor estrutura física para desenvolver as atividades diárias.

As derrotas e reveses no futebol não podem mais ser explicados pelo azar, infortúnio ou quaisquer vaticínios considerados por esta visão como “irracionais” ou, como querem nomear alguns de seus propagadores, oriundos de uma perspectiva meramente torcedora (TOLEDO, 2002, p. 147).

Podemos considerar, portanto, que *profissionais* e torcedores veem o futebol a partir de lógicas diferentes e são levados a agir guiados pela razão e pela paixão respectivamente. Toledo (2002, p. 243) destaca uma crônica publicada no jornal “A Gazeta Esportiva” de 26/10/1996, que diz:

[...]. É contraditório cobrar do atleta profissional um comportamento de empregado padrão e, ao mesmo tempo, exigir posturas como amor à camisa, dedicação, garra, raça, entrega [...]. O torcedor e uma parcela da imprensa esportiva teimam em exigir dos atletas uma postura semi-escravagista. [...] o torcedor só dá valor ao craque que termina a vida na miséria porque decidiu naufragar com o clube de coração [...].

Podemos notar, com isso, a presença de valores que tensionam atitudes tomadas por parte dos jogadores, que são levados a agir pensando ora na paixão torcedora ora no elevado grau de profissionalização que envolve o futebol moderno. Este, por sinal, é o ponto que merecerá melhor atenção daqui pra frente.

#### *Profissão x paixão: a relação entre atletas e torcedores*

O fenômeno esportivo, em especial o futebol, vem sendo largamente estudado no campo das ciências sociais, sobretudo na sua versão espetacularizada. Damo (2007) ao apresentar o futebol de espetáculo destaca três particularidades principais. A primeira é a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) e a *International Board* (IB), que estabelecem normas para a relação entre os clubes, controla o mercado de jogadores, além de exercer o controle das regras do *football association*. Este fato garante que em todas as partes do mundo as equipes que fazem parte do sistema FIFA-IB sigam as mesmas regras na prática do futebol.

A segunda particularidade diz respeito à divisão social do trabalho dentro e fora de campo. Nesse sentido, ao universo futebolístico pertence uma série de atores sociais que estão envolvidos direta ou indiretamente com o jogo. Toledo (2002) os divide em três categorias que são os profissionais, os especialistas e os torcedores, cada um deles responsável pela dinâmica do futebol de espetáculo. Damo (2007) acrescenta a essa categorização proposta por Toledo, os dirigentes que detêm o controle das agências que ditam os rumos do futebol espetacularizado.

A terceira particularidade do futebol de espetáculo apresentada por Damo (2007) é a excelência performática exigida dos praticantes. Para cumprirem com tal exigência é necessária preparação específica e especialização em relação ao uso das técnicas corporais, individuais e coletivas, condição indispensável para que elas sejam exibidas ao público.

Sendo assim, o público exerce grande função na dinâmica do futebol espetacularizado, uma vez que a excelência performática é imposta de fora para dentro, em função de diversos interesses que também estão relacionados com os interesses de dirigentes, críticos e patrocinadores (DAMO, 2007). Helal (2001) enfatiza que os espetáculos esportivos necessitam de testemunhas para legitimar seus eventos e que tais testemunhas fazem parte efetivamente do espetáculo, não se limitando a meros espectadores passivos.

Damo (2007, p. 34-35) também destaca a produção de emoções como um fator fundamental, na qual a noção de pertencimento clubístico possui grande importância. “Esta modalidade de pertencimento é moldada pela dinâmica do clubismo, uma espécie de totemismo moderno no espectro do qual ser palmeirense, flamenguista ou cruzeirense adquire sentido. Sem clubismo não haveria espetacularização do futebol [...]”.

Como assinalam Elias e Dunning (1992), a emoção despertada em uma partida de futebol por meio da criação de tensões simula alguns sentimentos da vida real como tristeza, alegria, medo, prazer mimético, situações imaginárias vividas que se aproximam do que é vivido na realidade. Além do valor mimético de produzir excitação controlada e equilibrada, o futebol pode exercer um efeito catártico ao provocar “[...] a exteriorização das emoções recalcadas por meio de palavras, atos ou sentimentos” (BREUR apud FERNÁNDEZ, 1974, p. 39).

Na sociedade moderna atual, onde as tensões do dia-a-dia estão cada vez mais presentes, pessoas vivem, cada vez mais, situações catárticas. Com isso o futebol se torna uma válvula de escape, o meio de aliviar as tensões cotidianas. O alívio pode surgir de cada gol perdido pelo adversário, de uma vitória em cobranças de pênalti, do término da tensão esportiva. Após a vitória os torcedores saem às ruas, gritam o nome de sua equipe, provocam a torcida adversária (FERNÁNDEZ, 1974).

Contudo, Damo (2007, p. 44) diz que “A exibição na forma de um confronto espetacularizado, que tende à separação entre vencedores e perdedores, é fundamental para a produção e circulação das emoções dos torcedores, antes, durante e depois do espaço-tempo do jogo propriamente dito. [...]”. É através desses confrontos que a tensão e o conflito se afloram a níveis mais elevados, ainda mais em se tratando de disputas entre clubes rivais, caracterizando o que Geertz (1989) denominou o caráter absorvente da disputa.

Como já foi mencionado anteriormente, o clubismo possui papel fundamental no engajamento de emoções no futebol espetacularizado, visto que o público que vai aos estádios o faz com o intuito de prestigiar um dos times que estão envolvidos no embate esportivo, time este que representa o clube pelo qual ele torce<sup>3</sup> (DAMO, 2007). Ao entender o clubismo como sendo um totemismo moderno, devemos considerar o sentimento de pertença que faz o indivíduo se reconhecer como membro de uma coletividade que o transcende, de maneira análoga à esfera religiosa (DURKHEIM, 1989). Assim, podemos considerar que os torcedores de um mesmo clube se assemelham com os membros de um mesmo clã, como descrito por Durkheim (1989, p. 215), visto que

[...] não estão unidos uns aos outros nem pela comunidade do habitat nem pela do sangue, já que não são necessariamente

---

<sup>3</sup> Existem argumentos que indicam uma nova conduta torcedora, diferente da que é vista no clubismo. Toledo (2002) destaca a matéria do jornalista esportivo José Geraldo Couto da Folha de S. Paulo em 5/9/96, que enfatiza a crescente racionalização dos processos gerenciais, identificado pelo investimento ditado cada vez mais pelas leis do mercado. “[...]. A tendência, a longo prazo, é que os próprios clubes percam importância, do ponto de vista do público, em favor de um conceito mais pragmático de espetáculo [...]. Acabou o tempo em que o torcedor dava a vida pelo clube. Daqui pra frente, cada vez mais, o espectador vai pagar para ver o jogo que tiver mais craque em campo – como quem escolhe a peça de teatro em função dos atores ou concerto em função dos músicos. É o fim da paixão? [...]” (p. 243-244). No entanto, não parece haver esta tendência, pelo menos no Brasil, haja vista as constantes e calorosas manifestações de torcedores nas ruas e nos estádios.



consanguíneos e já que muitas vezes encontram-se dispersos em pontos diferentes do território tribal. Sua unidade deriva, portanto, unicamente do fato de terem igual nome e emblema, de acreditarem manter idênticas relações com idênticas categorias de coisas, de praticarem os mesmos ritos, isto é, em suma, de comungarem em um mesmo culto totêmico.

Helal (1997), ao analisar o futebol em sua dimensão profissional e como espetáculo esportivo, destaca que encontramos vinculado a ele manifestações sagradas, mesmo com sua crescente comercialização. Esta situação, segundo o autor, evidencia-se no canto das torcidas, na reverência aos ídolos, símbolos e cores dos times, no choro e nas preces dos torcedores nos estádios que agem dessa forma como se estivessem num templo sagrado.

Apesar da invasão comercial (profana), uma certa aura sagrada permanece, ou melhor, é recriada. É como se a crescente comercialização fosse absorvida pela “necessidade” da “sacralidade”, fazendo com que os limites entre o sagrado e o profano não sejam bem definidos nesse universo (HELAL, 1997, p. 39).

O alto grau de mercadorização alcançado pelo futebol espetacularizado faz movimentar uma enorme fortuna todos os anos. Rial (2008) destaca que as transações envolvendo jogadores brasileiros para o exterior têm impactos significativos no campo financeiro nacional. A mesma autora, baseada em dados do Banco Central, menciona que a exportação de jogadores rendeu para o Brasil mais de US\$ 1 bilhão desde 1993 e que somados apenas o faturamento dos anos de 2005 e 2006, “[...] as transferências de jogadores brasileiros para o exterior renderam mais dólares ao país do que as vendas de algumas frutas tradicionais da pauta de exportações brasileira, como banana, melão, mamão e uva” (NERY apud RIAL, 2008, s.p.).

Damo (2007, p. 127) ao tratar da formação de atletas pelos clubes brasileiros apresenta três modelos possíveis: “o endógeno, cuja produção de futebolistas é voltada às demandas do clube; o exógeno, dirigido ao mercado de pés-de-obra<sup>4</sup>; e o modelo híbrido, que atende às duas finalidades”.

O modelo endógeno é aquele que vai à contramão do que é visto no futebol de espetáculo e mercadorizado atual. Sua lógica além de ser uma estratégia econômica, já que tem como objetivo baratear os custos, também pode ser uma estratégia política, com o intuito de agradar torcedores de um clube que preferem ter em sua equipe jogadores que se identificam com o clube desde sua formação nas categorias de base. Talvez o exemplo mais claro desse tipo de formação seja a do Athletic Club, da cidade de Bilbao, no Norte da Espanha. Os argumentos apresentados por um dos diretores do DENA<sup>5</sup> expressa essa condição:

<sup>4</sup> O termo pés-de-obra é utilizado por Damo (2007) para designar o profissional que tem como força de trabalho a prática do futebol.

<sup>5</sup> “Dena são as siglas de Danon Ekimena Nortusuna Athletic que, traduzidos, significa algo como projeto de culturação/constituição de identidade atleticana (Athletic Club)”. (DAMO, 2007, p. 341).

Para o Athletic, não importam os resultados a qualquer preço, não é para isso que o clube existe e compete. Para nós, o futebol é uma forma de dizer quem nós somos, de viver a nossa identidade. Então não faz sentido comprar jogadores de fora. [...]. Nós colocamos em campo jogadores identificados com o clube, e se o Athletic é basco, então achamos que os jogadores devem ser bascos. [...]. Pagamos bem nossos jogadores, mas eles não suam a camisa pelo cheque. Damos todas as condições de trabalho e exigimos muito, nossos torcedores são muito exigentes. Você acha que isso que estão fazendo [...] é futebol? Não, isso é negócio. Se formos obrigados a fazer isso, então é melhor largar o futebol (DAMO, 2007, p. 130-131).

Já a produção exógena, como assinalado anteriormente, assume o papel de formar jogadores para o mercado de futebolistas, justamente o oposto observado na produção endógena. “Todavia, o modelo exógeno só se configura a partir do momento em que produzir futebolistas tornou-se uma atividade lucrativa, pois é o interesse econômico que define essa lógica” (DAMO, 2007, p. 136). Um exemplo claro é o RS Futebol Clube, situado no limite dos municípios de Porto Alegre e Alvorada. O clube pertence à empresa Talento Desportivo S/A que assume abertamente a sua vocação mercadológica, estando interessado unicamente em comercializar as mercadorias que produz.

Em relação ao modelo híbrido, Damo (2007) destaca ser este o modelo seguido pelos clubes de primeira e segunda divisão brasileira e configura-se como sendo aquele que “[...] concilia a premissa identitária e mercadológica conforme a conveniência, razão pelo qual ele poderia ser chamado de oportunista. Os jogadores são produzidos para atender às demandas dos torcedores, mas se o mercado oportunizar, são vendidos prontamente. [...]” (p. 144).

Os jogadores que estão disponíveis no mercado, provenientes do modelo de produção exógena e híbrido, são agenciados por empresários responsáveis em negociar o contrato do atleta com os clubes. Uma matéria veiculada ao Jornal do Brasil, intitulada “Investimento futebol clube”, procura retratar o atual momento vivido pelo futebol brasileiro, destacando que a camisa não é considerada um item importante para definir a quem pertence um jogador. A cada dia aumenta a quantidade de empresas, como a Ability, a Traffic e o Grupo Sonda, que dividem os atletas em fatias, como as ações na bolsa. Tais empresas funcionam como operadores que compram e vendem ações na bolsa de valores, aproveitando a dificuldade financeira dos clubes e a impossibilidade de contratar jogadores valorizados. Como enfatiza o diretor-financeiro do Grupo Sonda, Roberto Moreno, a intenção é fazer dinheiro, não sendo levado em consideração o amor à camisa.

Inúmeras notícias são veiculadas na mídia esportiva a respeito de transações envolvendo atletas profissionais e os salários pagos a eles. Esse assunto também se faz presente nas conversas entre torcedores que acreditam ser o dinheiro a base de recrutamento de atletas na atualidade, instituindo um contrato de caráter utilitário e interesseiro. Sendo assim, como nos diz Damo (2007), é preciso forjar outros vínculos, de ordem emocional, entre atletas e clubes, visto que a crença dos torcedores é de que um time de mercenários não vai a lugar algum. Basta lembrarmos-nos que uma das causas atribuídas à derrota da seleção brasileira na última Copa do Mundo na Alemanha (2006) foi a suposta falta de “amor à camisa” dos jogadores. Na ocasião a própria

imprensa esportiva nacional mencionou que o fato de quase todos os jogadores brasileiros atuarem em equipes do exterior há anos, faz com que os mesmos percam o sentimento de brasilidade, fazendo-os não jogar com a determinação e raça esperada de alguém que está representando a pátria amada<sup>6</sup>. Tal acusação fez a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) determinar algumas vezes que todos os convocados, independente do clube em que jogam, inclusive de países europeus, deveriam se apresentar no Brasil antes de embarcarem para o local da partida, mesmo esta sendo realizada na Europa.

Para lidar com a paixão da torcida, muitas vezes não basta ao jogador se destacar nas partidas, sendo necessário possuir/demonstrar laços de sentimento afetivo pelo clube. Os torcedores valorizam os atletas que fazem juras de amor ou que dizem dar a vida para honrar a camisa que vestem. No entanto estas atitudes e a própria cobrança da torcida parecem ser contraditórias no futebol profissional e espetacularizado, no qual “[...]. Os vínculos entre jogadores e clubes deixaram de ser meramente afetivos para ser contratuais, legalizados e remunerados, sendo a gestão do tempo orientada pelos critérios de eficácia e rendimento, tal qual os de uma empresa qualquer do setor produtivo [...]” (DAMO, 2007, p. 92).

A partir do engajamento emocional que a torcida espera dos jogadores, algumas atitudes destes parecem representar, nos termos de Mauss (2003), retribuição de dádivas. Este autor ao retratar a forma e a razão da troca nas sociedades arcaicas, evidencia o caráter obrigatório e interessado de tais trocas, contrapondo-se ao seu caráter supostamente livre e gratuito. Tomando os estudos de Mauss como referência, podemos pensar que algumas atitudes tomadas por parte dos jogadores como a de beijar a camisa, por exemplo, talvez possam representar uma retribuição simbólica ao apoio e incentivo dos torcedores que cantam e gritam o nome do clube e dos jogadores durante os jogos, além de ser uma retribuição à confiança dos dirigentes que o contratou. Portanto, existiria na relação entre clube e atleta um sistema de prestações em que dar e receber se constitui como algo essencial e que pode ir além do caráter formal das obrigações do trabalho. Esta dimensão do sistema de retribuições parece ser mediada pelas lógicas do torcedor

A tensão sofrida pelos jogadores em administrar seus próprios interesses profissionais e a paixão torcedora pode ser percebida em uma reportagem com o jogador Nilmar, do Sport Club Internacional, da cidade de Porto Alegre, em que o atacante comenta sobre a sua permanência no clube gaúcho. Na ocasião, havia a possibilidade do jogador se transferir para o Palermo, clube italiano, que ofereceu aproximadamente R\$ 36 milhões. Mas, ficou definido que o jogador, mesmo a contragosto, permaneceria no Internacional.

[...] - Fico um pouco chateado de não ter ido, mas tenho contrato até 2011, só tenho que cumprir. Este é o clube de que eu gosto, a cidade de que eu gosto, onde vou morar para sempre. O próprio Fernando Carvalho (assessor de futebol) já assinou um documento garantindo o pagamento, mas seria melhor ter o

<sup>6</sup> Estudo realizado por Rial (2008) a respeito de jogadores brasileiros que atuam no exterior indica que apesar de morarem em outro país, a proximidade com o Brasil é constantemente afirmada em suas falas e práticas cotidianas de consumo que compõem seus estilos de vida. “A televisão, os DVDs e as fitas cassetes com músicas brasileiras e mais ainda, a internet, os trazem imaginariamente diariamente ao Brasil, ou se preferirem, os mantêm no Brasil [...]. Assim, o círculo das mercadorias que consomem reafirma permanentemente suas identidades nacionais [...]” (s. p.).

acerto, porque a proposta era irrecusável, não tinha como negar. Infelizmente não deu certo - afirmou o jogador [...] (NILMAR..., 2008, s.p – retirado de meio eletrônico.).

Está claro na fala de Nilmar, o seu desejo de jogar na Itália, motivado pelo alto valor da negociação. Contudo, o jogador faz questão de salientar um vínculo afetivo com o clube gaúcho. Ao mesmo tempo em que se diz chateado por não ter saído, o jogador se diz satisfeito por jogar no clube que gosta. “Ficar bem” com a torcida do clube, demonstrar sua retribuição à dádiva do amor da torcida pelo clube e seus jogadores é importante para o atleta permanecer jogando e trabalhando com tranquilidade. Outro ponto que chama atenção na reportagem é o trecho que aponta como um dos motivos que fez a diretoria não negociar Nilmar, a possibilidade de obter maior lucro com uma futura transferência do jogador. “O clube gaúcho comprou 40% dos direitos do jogador por pouco mais de R\$ 14 milhões. Assim, o Colorado terá 70% e poderá lucrar mais em uma futura venda [...]” (NILMAR..., 2008, s.p). Casos como este são comuns na atualidade, onde os clubes procuram formar jogadores em suas categorias de base não somente para compor o plantel da equipe profissional, mas também para faturarem com suas vendas.

Ao discutirmos as questões referentes ao futebol de espetáculo, notamos que contradições parecem existir, e mais do que isso, dão a impressão de serem naturais no atual estágio que se encontra esse esporte. Afinal de contas, como salientou Helal (2001, p. 162),

Observamos que quanto mais o esporte se profissionaliza e transforma-se em uma grande indústria, maior a necessidade de se entender o amadorismo e a paixão dos torcedores. Do ponto de vista sociológico, estes confrontos entre o profissional e o amador, entre o lucro e a paixão, entre o sagrado e o profano, transformam o universo esportivo em um emblema da convivência de sentimentos antagônicos relevantes para se compreender os dilemas da modernidade.

Procurou-se, portanto, através desse texto, realizar uma breve revisão a respeito da discussão que envolve o futebol de espetáculo, destacando as tensões e contradições que se instalam na relação entre atleta e torcida. Os próximos passos serão dados no sentido de compreendermos a maneira com a qual os jogadores administram sentimentos antagônicos oriundos da paixão torcedora e da racionalidade crescente do futebol profissional, analisando os valores que orientam as relações de pertencimento do jogador no futebol mercadorizado. Ao que tudo indica, parece haver nas atitudes dos atletas uma preocupação constante em forjar sentimentos de identificação com o clube que estão defendendo, uma vez que os torcedores, guiados pela lógica da paixão, cobram dos atletas demonstrações de tais sentimentos.

## 9) Referências

AÖR, R. Investimento futebol clube. Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 20 jul. 2008. JB Esportes, p. 4.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: \_\_\_\_\_. Questões de Sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. Razões práticas: sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

DAMO, A. S. Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

\_\_\_\_\_. Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, Anpocs, 2007.

DUNNING, E. A dinâmica do desporto moderno: notas sobre a luta pelos resultados e o significado social do desporto. In: ELIAS, N. & DUNNING, E. A busca da Excitação. Lisboa: Difel, 1992.

DURKHEIM, E. Formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

FERNÁNDEZ, M. C. L. O. Futebol: fenômeno lingüístico. Rio de Janeiro: Documentário, 1974.

FRANZINI, F. Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938). Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GASTALDO, E. “Os campeões do século”: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. In: GASTALDO, E. & GUEDES, S. L (Org.). Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional. Niterói: Intertexto, 2006.

GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

HELAL, R. Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, R.; SOARES, A. J.G.; LOVISOLO, H. A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

MAUSS, M. Ensaio sobre a dádiva. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

NILMAR, contra a vontade, fica no Inter e ainda ganha uma fortuna. Globoesporte.com, Porto Alegre, set. 2008. Disponível em: <<http://www.globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Internacional/0,,MUL743935-9869,00.html>>. Acesso em: 01 set. 2008.

PRONI, M. W. A Metamorfose do Futebol. Campinas, SP: Unicamp.IE, 2000.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Horizontes Antropológicos, v. 14, n.30, jul./dez. 2008. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200002&script=sci\\_arttext&tlmg=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832008000200002&script=sci_arttext&tlmg=pt)>. Acesso em: 17 nov. 2008

TOLEDO, L. H. Lógicas no futebol. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

Fábio Padilha Alves

E-mail: [fabiopadilha@yahoo.com.br](mailto:fabiopadilha@yahoo.com.br)

Endereço: Rua José Neves Cypreste, 1154 – apto 301 – Jardim da Penha – Vitória – ES  
CEP: 29060-300

Recurso tecnológico: Datashow